



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

FRANCISCA MARIA DE SOUSA VALE SILVA

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

COREMAS - PB

2017

FRANCISCA MARIA DE SOUSA VALE SILVA

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Ms. Clenice Paulino da Silva Batista

COREMAS – PB

2017

S586i Silva, Francisca Maria de Sousa Vale.

A importância da contação de história na educação infantil / Francisca Maria de Sousa Vale Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

40f.

Orientadora: Clenice Paulino da Silva Batista

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Contação de história. 2. Educação infantil. 3. Aprendizagem. I.
Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

FRANCISCA MARIA DE SOUSA VALE SILVA

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Clenice Paulino da Silva Batista
Prof^a Ms. Clenice Paulino da Silva Batista
Orientadora – UFPB

Mariano Castro Neto
Prof.^o Dr.^o Mariano Castro Neto
Examinador – UFPB

Viridiana Xavier Dantas
Prof^a. Dr.^a Veridiana Xavier Dantas
Examinadora – UFPB

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Francimar, que de forma especial e carinhosa deu-me força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

A meus filhos, Victor Emanuel e José Raimundo, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram-me de maneira especial os meus pensamentos levando-me a busca de mais conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

E de forma grata e grandiosa a meus pais, Socorro de Sousa e Raimundo Lopes do Vale (in memoriam), a quem eu agradeço todas as noites a minha existência.

De forma especial, a minha irmã Katiana que me ajudou muito na realização desse trabalho. Aos meus avós maternos e paternos e aos meus sogros, cunhadas e cunhados, que de alguma forma contribuíram na realização desse trabalho.

A amiga e comadre, Lourdes Saraiva, que foi a minha segunda orientadora e me deu todo o suporte para realização desse trabalho.

A minha orientadora Clenice Paulino da Silva Batista pela sua disponibilidade e pelo acompanhamento nesta jornada, e a minha tutora presencial Francinalda Pires pela disponibilidade e por prestar toda a orientação e esclarecimentos necessários durante todo esse tempo.

EPÍGRAFE

A leitura abre a mente e amplia os horizontes. Quando isso é feito na primeira infância, tudo acontece de uma forma muito mais natural e prazerosa. E é essa geração de leitores que poderá transformar o mundo através da Educação e do conhecimento. Tenho absoluta convicção disso.

(Isa Colli)

RESUMO

Na Educação Infantil, a utilização da leitura na contação de história em sala de aula estimula a aprendizagem, além de propiciar modos e formas de educar que permitam aos alunos o ingresso no mundo da leitura. Foi desenvolvido um projeto pesquisa, realizado através de uma pesquisa documental, em que teve como objetivo geral a comparação de ideias de autores nacionais que abordam a esta temática, na qual objetivou-se analisar a concepção de leitura, escrita e letramento, captando a concepção de leitura em Paulo Freire e Sônia Kramer e a concepção de letramento em Magda Soares. A pesquisa foi realizada através de uma análise documental, onde foi feito um estudo exploratório de forma qualitativa, utilizando fontes bibliográficas. Estabelecendo a relação entre as ideias dos autores, foi possível observar que a contação de histórias na educação infantil pode proporcionar o desenvolvimento do raciocínio, da motricidade levando a construção da sua autoestima, além da função lúdica. Sendo perceptível a relevância da contação de histórias na educação infantil, pois conduzem a uma forma fascinante e significativa de ensinar e aprender. O estudo permitiu visualizar a relevância da literatura infantil e a inserção da contação de história para a motivação da aprendizagem das crianças, vista como uma prática pedagógica que além de despertar a imaginação da criança desperta também o interesse pela leitura.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Aprendizagem. Leitura.

ABSTRACT

In Early Childhood Education, the use of reading in storytelling in the classroom stimulates learning, as well as providing ways and ways of educating students to enter the world of reading. The objective of this work was to analyze the conception of reading, writing and literacy in national authors, capturing the conception of reading in Paulo Freire and Sônia Kramer and the conception of literacy in Magda Soares. The research was done through a documentary analysis, where an exploratory study was done in a qualitative way, using bibliographic sources. The study allowed to visualize the relevance of children's literature and the insertion of storytelling to the motivation of children's learning, as a pedagogical practice that, in addition to awakening the child's imagination, awakens interest in reading.

Key words: Storytelling, early childhood education, learning, reading

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2.VIAJANDO NO MUNDO DA LEITURA.....	13
2.1 Uma visão historiográfica sobre a contação de história.....	15
2.2 Caracterização dos contos de fadas para o desenvolvimento dos aspectos socio-cognitivo e afetivo da criança.	16
2.3 A contação de história como prática educativa: uma reflexão pedagógica	19
3. A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS.	21
3.1 Alfabetização e letramento na visão de Ana Ferreiro e Teberosky.	23
4. A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança	26
4.1 Educação Infantil: importância da leitura e a inserção da criança no mundo letrado.....	27
4.2 Alfabetização e letramento nas series iniciais.	28
5. METODOLOGIA	30
6.TIPO DE PESQUISA	31
7.ANÁLISE NA VISÃO DOS AUTORES.	32
8.CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
9.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil, primeira etapa da educação básica precisa ser motivada desde cedo para o processo de aquisição de leitura, e a literatura infantil é uma das práticas mais interdisciplinar que se relaciona com outros meios de expressões (a música, a imagem, e o movimento) e isso forma a bagagem comunicativa da criança nos seus primeiros anos.

Cabem as instituições responsáveis pelos currículos escolares apresentar propostas que der condições de serem trabalhadas nas práticas pedagógicas leituras de contos. Precisamos resgatar a cultura literária de contação de história, pois isso possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança. Esta prática pode permitir ao educando o gosto de está na escola que possam ir de encontro aos anseios as suas necessidades e estimulando-os a ler, mas não como se a leitura fosse um ato mecânico com o mero objetivo de decodificar a simbologia alfabética, mas ler com vontade, com intenções de descobrir, investigar e pesquisar, despertando-lhes cada vez mais a curiosidade e o interesse pela leitura.

É essencial na formação de crianças, estas ouvirem histórias, pois provoca o imaginário infantil, suscita o intelecto e estimula a formação de hipóteses, assim desenvolvem as habilidades e seus potenciais.

É primordial que o professor de Educação Infantil juntamente com a comunidade escolar, direção e supervisão apresente caminhos de renovação e qualificação na prática pedagógica relativa à leitura. Antes de garantir que as crianças tenham acesso a bons livros desde bem pequenas, é importante a organização de ambientes em sala de aula que sejam convidativos, aconchegantes e singulares para que elas possam desfrutar em situações prazerosas de interação com os colegas e professores.

Sabemos que a leitura é um dos meios mais importantes para aquisição de saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo. Porém a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário que se leve o aluno a criar o hábito pela leitura.

É muito importante que a criança se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes em seu contexto.

Neste sentido entendemos que as crianças necessitam do contato com os livros e com a leitura desde cedo. Para desenvolver esse contato precisamos de suporte literário para que haja condições do professor efetuar em sala de aula leituras atraente e aconchegante onde as crianças possam usufruir das histórias e situações prazerosas de interação com a leitura.

Consta-se nas práticas pedagógicas escolares que os alunos cada vez mais se afastam e desinteressam pela leitura o que podemos questionar se na prática o ensino incentiva a leitura em sala de aula e se há propostas de ações que podem levar os educandos a se tornarem bons leitores.

Diante desse pressuposto é que foi desenvolvido um projeto pesquisa, realizado através de uma pesquisa documental, em que teve como objetivo geral a comparação de ideias de autores nacionais que abordam a esta temática, na qual objetivou-se analisar a concepção de leitura, escrita e letramento, captando a concepção de leitura em Paulo Freire e Sônia Kramer e a concepção de letramento em Magda Soares.

2. VIAJANDO NO MUNDO DA LEITURA

O exercício da leitura na escola apresenta-se como um requisito imprescindível à realidade sociocultural do aluno, organismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para se compreender e compreender a realidade e, por conseguinte, para fazer emergir uma mudança coletiva.

Desse modo, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.153) orienta as ações de leitura (e escrita) que podem fazer parte das atividades diversificadas a serem desenvolvidas com as crianças. Afirmando, que aos ambientes destinados à leitura devem ser: “Organizados de forma atraente, num ambiente aconchegante, livros de diversos gêneros, de diferentes autores, revistas, histórias em quadrinhos, jornais, suplementos, trabalhos de outras crianças, etc”.

Nesse sentido, se faz necessário que o professor de Educação Infantil ofereça no ambiente de sala de aula um cantinho de leitura onde estejam disponíveis vários materiais de incentivo a leitura facilitando o manuseio pela criança juntamente com o professor para que possam usufruir juntos de momentos prazerosos de incentivo e prática da leitura.

Segundo Oliveira (2009), a literatura infantil é um dos suportes básicos para o desenvolvimento do processo criativo da criança, pois ela oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capazes de provocar uma ação criadora, proporcionando também novas experiências e o desenvolvimento de suas fantasias e criatividade.

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de Literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto (OLIVEIRA, 2009, p.15).

Hoje autores defendem a presença do material impresso a ser lido pela criança desde os primeiros meses de vida dessa forma é importante lembrar que a escola se coloca como um meio mais ativo e fundamental de acesso ao conhecimento já que oferece a possibilidade de escolha e de liberdade face aos caminhos apresentados.

Nessa perspectiva Kleiman (2001, p.32) defende que:

O ensino da leitura na escola deve propiciar ao aluno a variedade de texto, onde o aprendiz possa estar em contato com os mais diversos tipos de textos sociais dos quais precisa e se utiliza no cotidiano, e no qual o único

pré-requisito para este aprendizado seja a capacidade de questionar sobre as coisas do mundo.

Diante dessa afirmação, é importante ressaltar que as atividades de leitura devem ser organizadas considerando a faixa etária dos alunos, o ambiente em que vive o grau de entendimento, assim como a valorização do conhecimento de mundo deles.

Por isso, a atividade pedagógica não pode limitar a ensinar a ler, é necessário que se leve o aluno a criar o hábito da leitura. O ato da leitura precisa ser estimulado desde cedo pela família e pela escola, dar oportunidade para que a criança manipule livros infantis, ou qualquer outro tipo de textos para que a partir daí se familiarizem com sua forma e linguagem.

A prática da leitura é o principal meio de alcance da democracia e de poder individual, pois o domínio da leitura oportuniza a busca constante de conhecimentos, além disso, é um instrumento de conscientização e mudança das estruturas comunicacionais podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e à criticidade.

Como contempla Rojo (2002, p. 15) a leitura vista dessa maneira tem por objetivo:

Levar o aluno a análise e à compreensão das ideias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É muito importante que o leitor se envolva se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes na comunidade em que vive buscando sempre a democracia.

Desse modo, a leitura é o meio mais importante para aquisição de saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo, principalmente desde as séries iniciais, pois, é por meio desta que o aluno desperta para interpretação dos fatos e ainda sente-se estimulado para desenvolver uma aprendizagem significativa e de qualidade.

Enfim, é essencial que os leitores aprendam antes decodificar o mundo em que vivem por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito de sua própria história.

O exercício da leitura na escola apresenta-se como um requisito imprescindível à realidade sociocultural do aluno, organismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para se compreender e compreender a realidade e, por conseguinte, para fazer emergir uma mudança coletiva.

2.1 Uma visão historiográfica sobre a contação de história

Na passagem do século XVII para o século XVIII, as crianças eram vistas como pequenos adultos, não havia uma literatura adequada para a educação infantil, que foi criada posteriormente com a ascensão da burguesia e conseqüentemente com a reestruturação familiar, o espaço da criança começou a ganhar importância, passando a ser reconhecida como um ser com atribuições diferenciadas dos adultos.

A escola, a partir do século XVIII torna-se a principal responsável pelas mudanças ocorridas na literatura, surgindo a literatura infantil, voltada para um público que necessitava de uma literatura para si próprio.

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. Coelho (2001) afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2001, p. 31).

A arte de contar histórias vem desde os tempos remotos, uma prática muito antiga, remontando à época do surgimento do homem há milhões de anos, constituindo práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. É justamente na contação de histórias que a humanidade encontrou de forma mais significativa uma maneira para expressar experiências que nas narrativas de reais não acontecem. Os contos exprimem os sentidos da vida, transmitem valores passados de geração para geração.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias é uma prática essencial na formação e no desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, nessa prática ocorre a transmissão de conhecimentos e valores. Pois além dessa atividade pertencer ao campo da educação e a área das ciências humanas, é uma peça importantíssima nesse processo, ou seja, é uma atividade comunicativa. Através dessas histórias os humanos repassam valores, tradições e costumes que são necessários para estimular a formação do cidadão. Esta contação está relacionada diretamente ao cenário infantil, o uso dessa ferramenta incentiva além da imaginação o gosto pela leitura e conseqüentemente o hábito de ler, o enriquecimento do vocabulário infantil, proporcionando o

desenvolvimento do consciente e subconsciente da criança, que irá resultar na formação de seus valores humanos, éticos e morais, sua personalidade e suas crenças. As histórias nos passam emoções e nos transmitem informações, por esse motivo possui um papel de significância para a contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, através dela podemos criar novos rumos a imaginação, os quais podem ser eles bons ou ruins.

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. (PENNAC, 1993, p. 124).

Desta forma, as possibilidades que o uso da contação de histórias propicia são inúmeras, além de divertirem os alunos, atinge muitos outros objetivos, entre eles, instruir, educar e socializar, desenvolvendo a inteligência e a sensibilidade das crianças. Tornando-se uma fonte inesgotável de prazer, emoção e conhecimento no cenário infantil, ou seja, quando se conta uma história é percorrido um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo, em que o lúdico e o prazer torna-se peças condutoras no estímulo à leitura e para a formação de alunos leitores.

2.2 Caracterização dos contos de fadas para o desenvolvimento dos aspectos socio-cognitivo e afetivo da criança.

A contação de história é uma prática muito antiga e o anseio da criança em ouvir uma bela história vem ante mesmo dela acha-se na vida, e esse anseio é muito significativo, pois a história supri um imperativo da natureza humana.

Contar história é uma grande arte mesmo que do seu jeito tão antigo e vulgar não pareça, e para ela se torna arte tem que se eficiente precisa de certos elementos, e obedecer a certos critérios.

Ela vem para preservar a cultura humana que por muito anos foi a única fonte de transmissão de saberes e aquisição de conhecimentos a contação de história tem um poder de estimular e desenvolver o cognitivo despertando sua imaginação, retratando acontecimentos e lugares, desejos em sonho favorecendo a aprendizagem.

Os textos mantêm-se em uma estrutura fixa que vem relacionada a um pressuposto como: problemas relacionados à família, carência afetiva, desentendimento e isso traz um desequilíbrio inicial.

O desenvolvimento é na verdade uma busca de soluções no campo da fantasia com a introdução desses elementos mágicos: bruxas, fadas, duendes entre outros personagens que compõem esse cenário. E tudo se restabelece no final da narrativa quando tudo volta a ser uma situação de tranquilidade.

Por exemplo, muitas estórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. Nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou medo disto) ocorre na vida real. Outras estórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso. (BETTELHEIM, 2002, p. 14).

Uma das grandes características dos contos é sempre começar por um dilema existencial que é breve e categórico, e todas as situações são simples, propiciando que a criança aprenda o problema de forma existencial, sendo que se a trama fosse mais complexa confundiria o assunto para ela.

Podemos destacar que um dos mais famosos escritores de contos infantis são os irmãos GRIMM. Eles fazem muito sucesso com suas histórias e seus contos infantis dedicaram a vida para registrar as fabulas infantis com isso ganharam fama e a popularidade com os pequenos. E ficaram conhecidos também por redirecionar contos adultos com adaptação para as crianças. “Todos os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada estória, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas” (BETTELHEIM, 2002, p. 351).

Uma das mais conhecidas história hoje é a bela adormecida e hoje ela tem duas versões diferentes, a dos irmãos GRIMM e a de PERRAULT a diferença relaciona aos detalhes das duas versões, que mesmo variável o tema é o mesmo. De acordo com Bettelheim (2002, p. 271), “as versões Perrault e dos Irmãos Grimm começam com o mesmo indicativo que é esperar muito tempo para encontrar realização sexual, como a que implica ter um filho”.

Outro conto conhecido pelas crianças é João e Maria essa versão conhecida de HANSEL e GRETEL dois irmãos que se perdem na floresta e ao procurar o caminho para casa acabam achando a casa de doce, que chama a atenção das crianças é a casa da bruxa, ela caba escravizando as crianças por algum tempo, e quando ela está preparando as crianças para ela comer, mais logo as crianças encontram a saída e fogem da bruxa e atiram ela no fogo.

Segundo Bettelheim (2002, p. 197), “o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual”.

A criança precisa ser exposta a essa linguagem para poder observá-la. O conteúdo contido nas imagens dos contos é muito rico por estimular a criança desenvolver o seu intelectual. Os aspectos destrutivos da oralidade são representados pela bruxa, que está predisposta a comer as crianças da mesma forma que elas devoraram a sua casa de doce. As intenções malvadas forçam as crianças a entenderem os perigos presentes na avidez da oralidade.

A criança possui uma imaginação pura e elevada, sublime e celestial ela não se relaciona com as histórias como os adultos para o público infantil a imaginação é contida nos contos se torna uma realidade e em relação aos adultos se faz uma avaliação sobre a veracidade da história sendo um obstáculo para o imaginário adulto.

Uma bruxa forjada pelas fantasias ansiosas da criança persegue-a; mas uma bruxa que ela pode empurrar para dentro de seu próprio fogão para que morra queimada é uma bruxa da qual a criança pode se livrar. Enquanto as crianças continuarem a acreditar em bruxas – sempre o fizeram e sempre o farão – até a idade em que não sejam mais compelidas a dar aparência humana às suas apreensões informes – elas necessitarão de histórias onde crianças se livram, pela engenhosidade, destas figuras persecutórias da imaginação. Conseguindo fazê-lo, ganham muito com a experiência, como o fizeram João e Maria. (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

Esse conto de João e Maria traz a simbologia da experiência interna relacionada aos laços maternos, a criança não imaginaria que um dia ficará longe dos pais. Esse conto ajuda a criança a exceder seu vínculo imaturo dos pais e conseguir níveis mais altos de desenvolvimento, apreciando até o apoio de outras crianças, de forma lúdica.

A cooperação com eles na realização das tarefas terá que substituir finalmente a dependência infantil e restrita aos pais. A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais; por esta razão deseja agarrar-se a eles além do ponto necessário. Precisa aprender a confiar que algum dia dominará os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos os retratam, e que se enriquecerá com isto. (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

2.3 A contação de história como prática educativa: uma reflexão pedagógica

A prática da contação de histórias vem ganhando destaque no ambiente escolar. Podendo ser desenvolvida a partir do planejamento do professor, e muitas das vezes, a escola recebe a visita de um contador. O professor, através do conhecimento obtido em sua formação, tem competência para integrar a literatura em sua sala de aula. Os textos literários, segundo alguns teóricos são de grande importância na escolarização.

Assim, conforme Collins e Cooper (2005, p.4) “O conhecimento narrativo é experiencial e adquirido culturalmente. Ele é o melhor meio disponível para os estudantes organizarem suas experiências e compreenderem a si mesmos”.

Com a contação de histórias o aluno pode fazer reflexões sobre muitas questões, despertando o seu interesse e curiosidade, havendo o resgate da comunicação oral interativa, ou seja, ao considerarmos a prática de contar histórias como portadores de significados para a atividade pedagógica, o seu papel vai além do entendimento da linguagem, pois preserva-se o seu caráter literário, assim como também a sua função de despertar a imaginação e sentimentos.

Nesse sentido, Hamilton e Weiss (2005, p. 15) enfatizam que “Ouvir e ler são processos similares; ambos envolvem a entrada de informação. Quando alunos escutam uma história, eles experimentam a alegria da linguagem, de quão divertido pode ser ter as palavras rolando para fora das nossas línguas.” Os mesmos autores esclarecem que os professores que contam histórias “[...] ajudam seus alunos a associarem a leitura com prazer, o que é um passo importante em direção a ajudá-los a se tornarem adultos verdadeiramente cultos: pessoas que não são aptas a ler, mas que querem ler.” (HAMILTON; WEISS, 2005, p. 15).

A contação de histórias é vista como uma atividade pedagógica que trás encantamento, prazer e imaginação, não podendo ser dissociado do trabalho com os conteúdos curriculares. As diversas atividades escolares, ao serem integradas á contação de histórias podem vir a resultar em processos potencializadores, resultando em conhecimentos sociais, científicos e pessoais.

Para Collins e Cooper (2005), o poder da contação de histórias ocorre da confluência de uma história, uma plateia e um contador, e “[...] a convergência de uma história cuidadosamente escolhida, uma contação profunda, e uma plateia envolvida é chamada de encantamento”. (COLLINS; COOPER, 2005, p. 31). Esse caráter sedutor da contação de histórias possibilita considerá-la como método pedagógico propulsor de relevantes aprendizagens e conseqüente desenvolvimento cognitivo do pensamento.

Portanto, a prática de contação de histórias pode contribuir com subsídios tanto para o ensino, como também para a aprendizagem dos conteúdos escolares, não perdendo seu valor estético e artístico, além de contribuir positivamente para a aprendizagem significativa das crianças, pois é estimulando as crianças a imaginar, envolver-se e criar que é dado um enorme passo para o enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade.

3. A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS.

A literatura infantil é muito importante na vida da criança, por que através dela a criança consegue desenvolver seus aspectos, intelectual, emocional e cognitivo que são muito importantes para desenvolver um leitor crítico. Além de criar condições que são determinantes para que certos conhecimentos e valores sejam concretizados ao exercitar no seu sistema imaginário, capacidade de criar certas situações, simular papéis e obedecerem a regras de conduta relacionada à sua cultura.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: “[...] a leitura de história é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu” (BRASIL, 1998, p. 143).

Partindo daí ela pode desenvolver relações com o seu modo de pensar e o seu jeito de ser ao grupo social ao qual está inserida. Assim a criança se insere no mundo, testando atividades, hábitos e comportamentos aos quais não está preparada para tal, mas ao ouvir contos e história permite-se criar processo de desenvolvimento, interno sobre a realidade e promover o desenvolvimento cognitivo.

Conforme observa Freire (2005, p. 21):

No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra. Esta “leitura” mais crítica da “leitura” anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente da sua indignação.

É muito importante o processo de ensino-aprendizagem na vida das crianças para que possam desenvolver totalmente, mas para que isso ocorra é necessário que aconteça de forma coletiva em casa e na escola, mas muitas vezes devido a falta de tempo elas não tem o devido acesso a essa literatura que tanto se presa. Fazendo-se necessário buscar meios que proporcione esses momentos para as crianças, com o propósito que elas desenvolvam integralmente em todos os aspectos.

Assim sendo, posiciona-se Freire (1997, p. 3): “Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal”.

No entanto, a definição é imprescindível quanto aos objetivos que se deseja alcançar, fazendo desse fato um momento significativo medindo ações que provocam o crescimento da criança para a mesma alcançar a transformação necessária para formar seus pensamentos, tornando capaz de indagar, duvidar, comentar ou até mesmo discutir sobre os mais variados assuntos, realizando assim uma intervenção verbal. Se desejar que as crianças sejam criativas, proporcione experiências ricas, pois a criatividade vai depender das experiências que ela vivencia quanto mais ela vive mais ela cria. Para que a criança tenha a capacidade de escrever textos com mais domínios faz-se necessário antes de tudo que ela se torne uma boa leitora e isso só se tornara possível se ela for à estimulada desde pequena.

Segundo Freire (1993) há evidencia que o ensinar passa pelo aprender a relacionar a leitura do mundo com a leitura da palavra e que o ato de estudar é visto como consequência do ato de ler. Onde ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos de texto. O autor esclarece a significação da leitura: ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, porém gratificante. Ler é buscar a compreende o que foi lido, daí o valor do ensino correto da leitura e da escrita.

Segundo Freire (1993), ensinar a ler é engajar-se em uma experiência criativa em torno da compreensão e da comunicação.

A experiência da compreensão é a capacidade de associar, jamais dicotomizar. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os 22 conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade a generalização que se opera na linguagem e desta ao concreto tangível. Uma das formas de realizarmos este exercício consistente na prática a que me venho referindo como “leitura da leitura anterior do mundo”, entendendo-se aqui como “leitura do mundo” a “leitura” que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora a leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vão da generalização ao tangível. (FREIRE, 1993, p. 30).

Ensinar não pode ser um legítimo processo de passagem de conhecimentos. A forma crítica de envolver a leitura da palavra e do mundo está na associação da linguagem simples estabelecida de conceitos criados no cotidiano, no mundo da experiência sensorial como a “linguagem difícil” que vem de opiniões abstratas. Não se pode separar relação entre ler e

escrever. Quando aprendemos a ler, o fazemos sobre a escrita de alguém que antes passou por esse mesmo processo.

3.1 Alfabetização e letramento na visão de Ana Ferreiro e Teberosky.

O modelo tradicional de alfabetização inicial consiste em uma prática na qual o professor transmite seus conhecimentos aos alunos. Muitas das vezes esses professores não estão capacitados para compreender algumas das dificuldades que a criança enfrenta antes de entender o real sentido da escrita e leitura.

Para Ferreiro (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

As práticas utilizadas na aprendizagem inicial são, muitas vezes, fundamentadas na junção de sílabas simples, com memorização de sons cópia e decifração. Essas maneiras fazem com que a criança se torne um receptor mecânico ou espectador passivo, não participando do método de construção do conhecimento.

Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”.

Hoje em dia, muitos professores ainda definem erro no processo de alfabetização como sinônimo de uma prática.

Em suas experiências com crianças, Ferreiro (1999, p.44-7), esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial:

- Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreendera a relação entre a escrita e a linguagem.
- Não se pode imediatamente, ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica.

No entanto o processo de alfabetização inicial, esses critérios nem sempre são utilizados. Compreendemos que os professores ensinam da mesma maneira que aprenderam quando alunos, e não aceitam que seus alunos comentam erros.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

A citada autora defende que, em relação a todos os grupos populacionais as crianças são as mais fáceis para alfabetizar e permanecem em um processo contínuo de aprendizagem, já os adultos implantaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de transformar e ainda ressalta que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

Assumindo, ser dedicada, a pesquisadora fundamenta ao tentar entender o desenvolvimento dos conceitos infantis sobre a língua escrita, e ainda afirma que através dos resultados obtidos uma conclusão deve ser analisada as crianças são facilmente alfabetizáveis foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas. (Ferreiro, 1999)

Recorrendo a Goodman (1980 Apud Ferreiro & Palácio, 1987, p.86), cito alguns princípios que as crianças descobrem e aprendem a controlar à medida que desenvolvem um sistema de escrita:

- Os princípios funcionais desenvolvem-se à medida que a criança soluciona o problema de como escrever e para que escrever. A significação que a escrita tenha em seu dia a dia terá consequências no desenvolvimento desses princípios e as funções especificam dependerão da necessidade que a criança sentir da linguagem escrita.
- Os princípios linguísticos desenvolvem-se à medida que a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita esta elaborada para extrair significados na cultura. Nessas formas estão incluídas as regras ortográficas, grafo fônicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas de linguagem escrita.
- Os princípios relacionais desenvolvem-se à medida em que a criança resolve o problema de como a linguagem escrita chega a ser significativa. Assim, passa a compreender com a linguagem escrita representa as ideias e os conceitos que as pessoas, os objetos no mundo real e a linguagem oral possuem em uma determinada cultura.

De acordo com Ferreiro (2000, p.29), tradicionalmente, as decisões a respeito da prática alfabetizadora tem-se centrado na polemica sobre os métodos utilizados. Métodos analíticos contra os métodos sintéticos, fonéticos, contra global, entre outros.

Normalmente o método utilizado pelos professores parte daquilo que é considerado mais simples, depois é passado para o mais complicado.

De acordo com Ferreiro & Teberosky (1985, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polemica entre dois tipos fundamentais; método sintético e método analítico.

4. A IMPORTANCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A literatura infantil é um caminho vasto que abre várias portas para o universo da imaginação, que incentiva a criança a praticar uma leitura prazerosa, além de ser uma fonte de lazer, o hábito da leitura aumenta a proficiência da escrita e da própria leitura, contribuindo para a formação de cidadãos leitores, pensantes e críticos.

Bakhtin (1992) expressa sobre a literatura infantil abordando que por ser um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Quanto mais precoce acontecer o contato da criança com os livros, ela irá perceber o prazer que a leitura produz, aumentando a possibilidade de tornar-se um adulto leitor, adquirindo uma postura crítico-reflexiva, relevante a sua formação cognitiva. Segundo Sandroni & Machado (2000, p.12) “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

O professor ao levar para sua sala de aula obras literárias, leva uma bagagem completa, como por exemplo: expectativas, experiências, memórias, e sobretudo imaginação. É indiscutível a relevância de se trabalhar com a literatura em sala de aula, pois a literatura não se restringe apenas a decodificar, resumir ou assimilar textos, mas sim, criar possibilidades para a construção de conhecimentos.

Com base na descrição acima, é possível afirmar que é muito importante o processo de ensino-aprendizagem na vida das crianças para que elas possam se desenvolver totalmente, mas para que isso ocorra é necessário que aconteça de forma coletiva em casa e na escola. Todavia, muitas vezes devido a falta de tempo elas não tem o devido acesso a essa literatura que tanto se presa, fazendo-se necessário buscar meios que proporcione esses momentos para as crianças, com o propósito que elas desenvolvam totalmente em todos os aspectos.

4.1 Educação Infantil: importância da leitura e a inserção da criança no mundo letrado

Uma das funções principais da escola é a de formar indivíduos leitores, assim a escola precisa criar oportunidade e possibilidades para que os mesmos comecem a tomar gosto pela leitura e conseqüentemente haverá o desenvolvimento de leitores competentes, uma vez que é necessário que a escola possibilite as crianças o acesso a diversos tipos de materiais para que possam estimulá-las.

Durante um longo tempo, tinha-se a concepção de que para ser alfabetizado era preciso, apenas reconhecer as letras do alfabeto. Na atualidade, conhecer apenas o código linguístico não é suficiente para o uso competente da língua escrita. A partir dessa realidade, insere-se a palavra letramento, sendo cada vez mais utilizada, objetivando se inserir a criança em uma cultura letrada, como se encontra a atual.

De acordo com Soares (2008, p. 92), alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código linguístico, ou seja, é um conjunto de técnicas adquiridas para exercer o uso da leitura e da escrita, envolvendo a ação de decodificar o alfabeto e representar o som reconhecendo seu símbolo gráfico. Já letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. São variadas práticas, tanto sociais como escolares, que demandam o uso da leitura e da escrita.

É importante ressaltar que o processo de letramento pode ocorrer antes da alfabetização, em que, os alunos mesmo antes terem adquirido habilidades para ler e escrever convencionalmente já se mostram capazes de produzir de forma que conseguem fazer atribuições aos textos lidos. É observável que o processo de letramento é tão importante quanto o processo de alfabetização em que um complementa o outro.

Conforme enfatiza Magda Soares (2003), não se deve dissociar os dois processos, já que não são independentes, mas indissociáveis. Para a autora, a entrada da criança no mundo da escrita se dá simultaneamente por meio da aquisição do sistema convencional de escrita (alfabetização) e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (letramento).

Vivemos em uma sociedade que é centrada na escrita, em que o processo de alfabetização das crianças inicia-se a partir do momento em que há o relacionamento das mesmas com o mundo por meio de observações de placas, cartazes, rótulos, revistas e nas observações aos adultos quando estão lendo ou escrevendo. Após tais observações feitas pelas crianças, tem início a alfabetização e letramento informais.

Ferreiro (1996, p.24) afirma que “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Enquanto que o processo formal inicia-se na educação infantil, em que o professor direciona os estudantes a jogos, brincadeiras e atividades relacionadas à língua escrita.

Contudo, a criança ao chegar a descoberta do princípio alfabético, pode-se dizer que ela está apta para ser alfabetizada, uma vez que consegue relacionar a escrita como uma representação de letras. De acordo com alguns parâmetros, com as condições adequadas e estímulos constantes, a criança chegará a esta fase por volta de 5 a 6 anos de idade.

De acordo com Soares (2010, p. 36):

A meta de que aos 8 (oito) anos cada criança esteja plenamente alfabetizada é não só desejável, mas inteiramente possível. Depois de vivenciar a Educação Infantil e três anos do Ensino Fundamental, com orientação adequada, as crianças têm plenas condições de chegar às habilidades fundamentais de alfabetização e de letramento. Considerando-se dois anos de Educação Infantil, ao completar 8 anos, a criança terá vivenciado por cinco anos o processo formal de alfabetização.

É perceptível a importância de uma boa preparação na Educação Infantil e conseqüentemente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, tendo em vista que será a base para os aprendizados futuros, inerentes a educação.

Ainda de acordo com o pensamento de Soares (2010, p.37) “a solução eficiente é, pois, alfabetizar na idade certa. Daí a importância de os gestores públicos investirem vigorosamente na qualidade do ensino nos primeiros anos de escolarização, de modo que, aos 8 anos, todas as crianças estejam alfabetizadas”.

4.2 Alfabetização e letramento nas series iniciais.

Letramento e alfabetização são conceitos diferentes, mesmo que uma vez que abrangem habilidades e conhecimentos distintos. Entretanto, são artifícios indissociáveis, simultâneos e que necessitam caminhar juntos nos anos iniciais do ensino fundamental.

KRAMER (2008) em seu ponto de vista em relação à escolarização ou não escolarização na educação infantil aponta o compromisso que tanto a escola como a educação infantil tem com relação ao público atendido como crianças e jovens.

Segundo a autora quando se fala em escola soa como um mal sentido, falando em horário e currículo muito são os questionamentos por ela ser a favor da inclusão de crianças de 0 a 6 anos no ensino fundamental muitos acham uma escolarização precoce.

O trabalho pedagógico extrapola os espaços da sala de cada grupo de crianças, não só pelo referencial teórico utilizado, mas por contrapor-se à ideia de prática que muitas vezes fica restrita ao acontecimento pontual de sala de aula. Sendo um processo o trabalho pedagógico não pode ser pensado de forma estanque, demarcado espacialmente ou temporalmente no cotidiano. Embora se pense, via planejamento, o trabalho dentro de dimensões espaciais e temporais, as ações que compõem o trabalho pedagógico se constituem do novo, da ruptura da subversão da ordem (KRAMER, 2008)

Ainda de acordo com KRAMER (2008), primeiro era preciso pensar, o que é uma escolarização adequada, mesmo no ensino fundamental, onde a escola ia além de ter compromisso no sentido da cultura, possui um compromisso com as pessoas sendo crianças, ou mesmo jovens ou adultos, precisando desenvolver um novo trabalho que englobasse todos em um só corpo por menor que a criança seja ela também é uma pessoa.

Há muito tempo a educação vem passando por transformações, uma delas é a inclusão das crianças de 0 a 6 na educação básica e o que precisa é pensar agora como dá a continuidade a esse passo que foi conquistado, e através da escolarização que não é escolar, que na realidade seria uma socialização.

Segundo KRAMER (2008) as creches e as escolas são as instituições mais estáveis que nós temos na sociedade contemporânea, ou seja, ali as crianças e os adultos ficam várias horas por dia convivendo com as mesmas pessoas, por mais que tenha uma variação elas têm a possibilidade de construir elos, constroem coletivamente uma prática social. E visto nesse processo uma possibilidade de enfrentar o desafio da escola, da educação infantil e do ensino fundamental constituir como um processo de escolarização. E que todos entendam bem, que isso não significa que ali os bebês já estão sendo escolarizados. O que eles estão é vivendo um espaço de socialização. É esperado que progressivamente eles possam ir para a escola e que aos cinco, seis, sete, oito anos, se integrem no tipo de trabalho que na nossa sociedade é

chamado de perspectiva escolar, o que, em meu entender, não será nenhum crime contra as crianças se for exercido com qualidade, com profissionais competentes, com acesso a cultura, etc. Como assinala Kramer (2010, p.21):

(...) para que ocorra realmente a formação de professores, é preciso, de um lado condições dignas de vida e de trabalho para todos os profissionais, entendendo a formação em serviço como trabalho que resulta em melhoria salarial, na carreira e em avanço da escolaridade; de outro lado, projetos de formação permanente concebidos no interior de uma política cultural sólida e consistente que assegure a todos os professores acesso a cinema, centros de cultura, bibliotecas, salas de leitura, círculos de estudo, teatros, jornais, revistas, fotografias, museus, salas de vídeo, etc. A formação cultural de professores é parte do processo de construção da cidadania, é direito de todos se considerarmos que todos – crianças e adultos – somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs produzidos na cultura e produtores de cultura. Cidadãos que têm direitos sociais, entre eles, direito à educação e à cultura.

5. METODOLOGIA

Para Gil (2002), a pesquisa pode ser resumida em duas grandes razões: a intelectual, que pode ser entendida como o desejo de conhecer para satisfação pessoal e a razão de ordem prática, que tem o objetivo de tornar algo mais eficiente e eficaz. Bogdan e Biklen (1994, p. 48-51) sistematizam características da investigação qualitativa e que nortearam os procedimentos metodológicos que, neste estudo, vieram a ser implementados:

- A fonte direta dos dados é o ambiente natural, dado que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre e o investigador é o principal instrumento, pois, no papel de um intérprete, cabe-lhe a construção de certa leitura dos acontecimentos.
- A investigação é descritiva, uma vez que os dados surgem sob a forma de palavras e imagens. Pretende-se descrever de forma narrativa, em que consiste determinada situação ou visão do mundo.
- A análise dos dados faz-se de forma indutiva, visto que estes não servem para confirmar ou informar hipóteses construídas previamente, mas é partir deles que formulam teorias.

O significado é de importância vital, pois interessa, sobretudo, apreender as perspectivas dos participantes, as suas experiências subjetivas e aceder às dinâmicas internas das situações.

6. TIPO DE PESQUISA

Este é um estudo de carácter bibliográfico exploratório, que combina técnicas de observação, que segundo Gil (2002) baseando-se em seus objetivos, a presente pesquisa pode ser classificada como exploratória de forma qualitativa, uma vez que, através de levantamentos bibliográficos e entrevistas, proporciona uma maior familiaridade com o problema, visando retratar a perspectiva dos participantes diante do fenómeno que marca suas vidas e seus comportamentos.

Para Vergara (2000), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de fornecer ao

investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.

A pesquisa bibliográfica, considerada uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado (LAKATOS & MARCONI, 2001; CERVO & BERVIAN, 2002).

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

“[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”.

Segundo Trivinõs (1987, p. 158), “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa [...]”. Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo possui duas funções básicas: função heurística – aumenta a prospecção à descoberta, enriquecendo a tentativa exploratória e função de administração da prova – em que, pela análise, buscam-se provas para afirmação de uma hipótese. Assim, a análise de conteúdo trata de trazer à tona o que está em segundo plano na mensagem que se estuda, buscando outros significados intrínsecos na mensagem.

7. ANÁLISE NA VISÃO DOS AUTORES.

A literatura infantil é um incentivo a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, ou seja, na infância. Ela é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, sentimentos e emoções de forma prazerosa e significativa.

Ao observarmos o que diz Paulo Freire (1982) sobre leitura, podemos afirmar que é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos. Levando em consideração tal reflexão, a literatura oral, por expandir a leitura de mundo, é uma eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação. Por isso, as salas de aula, antes de serem lugares onde existem livros com suas histórias presas em si, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e entram em cabecinhas ávidas por imaginar.

Podemos dizer que a contação de histórias configura-se como uma ação de resistência e de preservação indenitária, pois, mesmo com o aparecimento de novas tecnologias de informação e comunicação, é um processo que persiste até os dias atuais e que ocorre em diversos ambientes de socialização, principalmente no núcleo familiar e na escola.

Segundo Freire (1989) a família é a primeira e principal fonte de histórias. No ambiente familiar, ouvimos nossas primeiras histórias, visto que as pessoas constituintes dessa instituição social são as primeiras a intermediar o contato da criança com o texto oral. É, através desse texto, que se tem uma das mais ricas formas de apresentar outros contextos e o passo inicial para a “leitura de mundo”.

Pois, a contação de história pode anteceder o sistema de representação da língua escrita. Ela analisa, percebe e formula suas hipóteses sobre a escrita e a leitura que estão presentes em seu cotidiano.

Paulo Freire (1989), afirma que ler o mundo ocorre antes de ler palavras, supõe que estreitar a nossa relação como mundo imaginário do aluno, onde a busca de novos conceitos acontece naturalmente, é uma das formas de ler para o aluno que, ao ouvir, busca em seu conhecimento de mundo, suas necessidades, ansiedades, crenças e desejos. Pode-se afirmar não erroneamente que ler mediante essa perspectiva fará realmente sentido ao aluno. (...) Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular ação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, (...) buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda (Freire, 1989, p. 49).

Um mundo imaginário é construído pela criança desde os seus primeiros anos de vida, acompanhando-a durante um longo período da sua infância, sendo alicerçados por uma imaginação fértil e conseqüentemente rica em práticas de leitura. E ao ingressar na escola, todo esse conhecimento que a criança possui não é explorado, perdendo-se toda a capacidade

imagética perante uma escola empenhada em produzir alunos com competência e com habilidades de ler e escrever dentro do contexto escolar.

Por seu turno, conforme observa Freire (1989, p. 28, 29)

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p.28,29)

Assim em suas mãos o professor tem uma preciosa ferramenta que pode permitir o desenvolvimento tanto intelectual como o pessoal de seus alunos. Mas é necessário dar condições para desenvolver rotinas de leitura espontânea, pelo simples prazer da leitura:

A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora a leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vão da generalização ao tangível. (FREIRE, 1993, p. 30).

Segundo Kramer (1994), a escola tem como função a formação de pessoas criativas, críticas, ativas, inventivas, descobridoras. Seria importante, desde cedo, proporcionar ações que contribuam para o desenvolvimento desse perfil, tais como a narração de histórias. Esta prática possibilita o contato com textos literários, identificados como promotores da imaginação e criatividade das crianças pequenas e de outras formas de estar e ver o mundo.

De acordo com Kramer, (1991, p. 13)

(...) na educação para a cidadania: suas metas básicas são a cooperação e a autonomia, as crianças são encaradas como pequenos cidadãos e cidadãs, e o trabalho escolar é entendido como o que deve garantir o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente e formar, simultaneamente, indivíduos críticos, criativos e autônomos, capazes de agir no seu meio e transformá-lo.

Assim, a invasão no mundo literário relaciona-se ao aumento do gosto pela leitura, em cuja defesa se posiciona vários autores, desse modo, a arte de narrar, presente nos espaços escolares hoje, não é nova, mas difere das técnicas antigas. Aqueles que contam histórias na escola agem na motivação e preparação à leitura de livros, proporcionando aos ouvintes, além de divertimento, informações sobre os livros e a linguagem literária.

Segundo Soares (2006), há uma especificidade e também indissociabilidade entre os conceitos de alfabetização e letramento, tanto na perspectiva teórica quanto na prática pedagógica, entretanto, pode existir certa confusão na hora de definir tais conceitos. O citada autora também afirma que:

A aproximação, ainda que para propor diferenças, entre letramento e alfabetização, tem levado a concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até mesmo se fundem. Embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos. (SOARES, 2006, p.4)

A criança mesmo não dominando o código escrito, sendo de fato que ainda não sabe ler e escrever, mas ouve histórias e contato com livros desde cedo, consegue identificar aprendizados relacionadas à escrita e a leitura no ambiente social.

Assim, alfabetização e letramento são métodos distintos, porém precisam se fundir para que o indivíduo venha adquirir uma alfabetização plena. Sendo não necessariamente aprender a decodificar o código escrito, mas para que serve e como usá-lo. Na educação infantil é possível trabalhar de forma prazerosa, sendo que neste espaço faz-se necessário do lúdico para que a aprendizagem aconteça.

Soares é enfática ao afirmar que as atividades que são comuns na educação infantil, como desenhos, rabiscos ou jogos e brincadeiras não podem ser consideradas alfabetizadoras, porém, elas já estão inseridas nesse processo.

A fase inicial da aprendizagem da língua escrita, constituindo, segundo Vygotsky, a pré-história da linguagem escrita: quando atribui a rabiscos e desenhos ou a objetos a função de signos a criança está descobrindo sistemas de representação, precursores e facilitadores da compreensão do sistema de representação que é a língua escrita. (SOARES, 2009, p.1)

Desse modo, quando as crianças em suas atividades fazem seus rabiscos dizendo o que representam, já está ocorrendo a assimilação de conceitos que serão precisos para mais adiante codificar a escrita.

De acordo com Soares (2009), pesquisas feitas pelas estudiosas Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, comprovam que as crianças da faixa dos 4 aos 6 anos, alunas da educação infantil, quando orientadas e incentivadas por meio de práticas lúdicas e adequadas, evoluem rapidamente em direção ao nível alfabético.

São muitas as atividades que trabalham a alfabetização na educação infantil, entre as quais podemos destacar:

Escrita espontânea, observação da escrita do adulto, familiarização com as letras do alfabeto, contato visual frequente com a escrita de palavras conhecidas, sempre em ambiente no qual estejam rodeadas de escritas com diferentes funções: Calendário, lista de chamada, rotina do dia, rótulos de caixas de material didático, etc. (SOARES, 2009, P.1)

Outro aspecto que merece destaque sobre a compreensão do princípio alfabético, que pode ser trabalhado com as crianças é a consciência fonológica por meio de atividades como poesias, parlendas, músicas e cantigas, pois com essas atividades os pequenos compreendem sons que delimitam a fala, em que fazem a compreensão que palavras com os mesmos sons, começam com as mesmas letras.

Assim, como nos coloca Soares (2009), a leitura de história com frequência para as crianças é, sem dúvida, a principal atividade de letramento na educação infantil. Para a mesma, além de principal, está atividade é indispensável para os pequenos. Ao ouvir histórias as crianças são levadas a conhecimentos e habilidades para uma significativa inclusão no mundo escrito.

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (SOARES, 1999, p. 69).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a escola é um lugar que constrói e reconstrói conhecimentos, que se faz necessário dar prioridade à contação de histórias, uma vez que ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, psicológico, físico, moral e social, proporcionando um maior aumento perceptivo no aluno. Sobre suas vantagens, podem ser destacadas a aprendizagem de conteúdo, criatividade, comunicação, socialização, e a disciplina, aquisição de leitura e escrita.

Desse modo o professor deve procurar desenvolver práticas de leitura que tenha por objetivo estimular o aluno a compreensão das ideias dos autores, buscar no texto elementos básicos e os efeitos de sentido, pois ao contar histórias o professor estará proporcionando momentos de interação entre ele e seus alunos, uma vez que ao contar histórias o professor está mostrando as crianças como é o mundo em que vivem, ajudando-a a olhar, pensar e entender um pouco do mundo que a circunda. É muito importante que a criança se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes em seu contexto. Constatando-se ser um instrumento poderoso e fundamental em que o professor ao utilizar a contação de histórias tornará a aprendizagem mais significativa e atraente para as crianças, despertando, sobretudo, o interesse e o gosto pela leitura.

Estabelecendo a relação entre as ideias dos autores, foi possível observar que a contação de histórias na educação infantil pode proporcionar o desenvolvimento do raciocínio, da motricidade levando a construção da sua autoestima, além da função lúdica. Sendo perceptível a relevância da contação de histórias na educação infantil, pois conduzem a uma forma fascinante e significativa de ensinar e aprender.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997, p. 17.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso (1952-1953)**. In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Referencial curricular para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRENNAND, Eladio José de Góes; et. al. **Metodologia científica na Educação a Distância**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se completam**. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Questões de nossa época)

FREIRE, Paulo. **Minha primeira professora**. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46 ed. São Paulo, Ed. Cortez, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GARCIA, Jaqueline. **Alfabetização Matemática, 1º ano / Jaqueline Garcia**. 1. Ed. - - São Paulo: Escala Educacional, 2008. - - (Coleção Conhecer e Crescer)

Gil, A.C. (2002). **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. (4ª ed.). São Paulo: Atlas. Bogdan, R. C., Biklen, S, K. (1994). **Investigação Qualitativa em Educação**. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Porto Editorial.

HAGUETTE, T. M. F. (1997). **Metodologias qualitativas na Sociologia**. (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para educação infantil**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Direitos da Criança e projeto político pedagógico de educação infantil**. In: BAZÍLIO, Luiz; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 51-81.

_____. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie.** In: BAZÍLIO, Luiz.; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 83-106.

_____. **O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura.** In: KRAMER, Sonia e Leite, Maria Isabel (orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola:** Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de fadas:** de Perrault, Grimm, Andersen & Outros ; Trad. Maria Luiza X. de A. Borges- Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ROJO, R. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula.** São Paulo; EDUC, 2002.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luíz Raul. **A criança e o livro.** Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2000.p.12.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998.

_____. **Aprender a escrever, ensinar a escrever.** In: ZACCUR, E. *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.p.49-73.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** 26ª Reunião Anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003.

_____. SOARES, M.B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Anais da 26ª. Reunião Anual da ANPEd. Disponível em www.anped.org.br/26/outrostextos/semag_dasoares.doc, maio de 2006. Acesso: 23/09/2017

_____. **Alfabetização e Letramento.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Oralidade, alfabetização e letramento.** Revista Pátio Educação Infantil – Ano VII nº 20. Jul/Out. 2009.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **De olho nas metas, 2010- Meta 2.** In: *Revista da Educação*, Vol. 6, nº12 jul./dez. 2011, p.235-249. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/de_olho_nas_metas_2011_tpe.pdf Acesso em: 02 ago. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALADARES, Solange; VALADARES, Érika. **Fofurinha:** 4 e 5 anos: volume 4.1. Ed. - Belo Horizonte: Editora FAPI, 2010.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.